

O Braço Nu de Deus

Isaías 52.7-10; João 1.1-14

um sermão para o Dia de Natal 2003

pelo Bispo de Durham, Dr. N. T. Wright

“O Senhor desnudou seu braço diante dos olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus.”

Hoje eu quero destruir um mito e reacender uma paixão. Segundo um mito da moda, os cultos de Natal podem ser belos e chamativos, com presépios, canções natalinas, coros e tudo, mas eles são baseados em uma ilusão. Cristianismo, especialmente sua estória de Deus tornar-se um bebê humano, não é realmente verdade, mesmo tão assustador ou emocionante quanto possa parecer. Isto foi uma invenção tardia de cristãos espertos; e nós sabemos que não aconteceu de verdade. A ciência provou, ou talvez a história tenha provado, que não pode ter acontecido. Se você acredita, você está louco. Este mito está na base (e eu quero dizer *na base*) de grande parte do nosso discurso público.

O mito da incredibilidade cristã pode ser combatido de várias formas. Erudição histórica, uma possessão estimada aqui em Durham, tem seu papel a desempenhar. Mas esta manhã, encorajado pelo prólogo incomparável de João, eu quero ir para a jugular e falar das formas como as pessoas imaginam Deus e o mundo um em relação ao outro. É isto, afinal, que está em questão quando somos confrontados com um rumor de encarnação. Somente tal reflexão pode reacender a paixão de devoção e justiça no coração do verdadeiro discipulado cristão.

Há três diferentes maneiras pelas quais você pode imaginar Deus e o mundo um em relação ao outro. Nossa cultura faz o seu melhor para reduzir a apenas duas opções, e forçar o Cristianismo em uma ou outra.

A primeira maneira vê Deus e o mundo como pólos separados – tão separados, de fato, que algumas vezes parece que nem podemos ter certeza até mesmo sobre a existência de Deus. Mas, de acordo com esta visão, mesmo que ele exista, nós não podemos saber muito sobre ele (ou ela, ou aquilo). Não seria apropriado para este Deus interferir em pessoa neste mundo, Encarnação é por definição impensável. Se Deus tentasse se tornar carne, seria um tipo estranho de híbrido, um semideus.

Esta visão se tornou popular no século XVIII (embora muitas pessoas ainda pensem nela como moderna, ou nova, ou desafiadora). Civilizações inteiras, notadamente os Estados Unidos, se baseiam nela. A maioria das pessoas na Bretanha ainda imaginam que esta é a única maneira de pensar sobre Deus e o mundo.

A segunda maneira, então, tem voltado à cena. A primeira vez que a encontrei foi ao pegar carona no Vale Fraser na Columbia Britânica no final dos anos sessenta.

Um companheiro de carona, ao descobrir que eu era um cristão, disse, “Bem, é claro, Jesus era divino – mas também o é meu coelhinho, esta montanha, ou, neste sentido, somos você e eu”. Esta visão percebe divindade no poder e na beleza e na energia do próprio mundo, não menos na vida humana. Deus e o mundo não estão separados de forma alguma: eles são essencialmente a mesma coisa. Jesus é, no máximo, apenas um exemplo particularmente evidente da interpenetração divina do mundo.

É claro que há variações em ambas posições. Mas, interessante, as principais opções permanecem muito próximas hoje de como eram no tempo de Jesus. Novo conhecimento, por exemplo nova pesquisa científica, não fez muita diferença neste nível de visão do mundo. Mas nenhuma destas visões é, de forma alguma, como a antiga visão judaica. E é esta visão que os primeiros cristãos, não menos João, utilizavam ao consolidar suas visões sobre Jesus.

Quando lemos os Salmos e os profetas, ou Gênesis ou Deuteronômio, nós encontramos Deus e o mundo se relacionando de uma forma muito mais dinâmica. Há um Deus que fez o mundo, e que permaneceu no controle dele, a despeito da rebelião. Nós podemos, de fato, perceber seu poder e glória no mundo, não porque o mundo é em si mesmo divino, mas porque ele sua criação e ele permanece ativo nele. Em especial, o verdadeiro Deus toma iniciativas. Ele faz e diz novas coisas. Confrontado com o mal radical, e rebelião humana, Deus iniciou um plano para consertar o mundo.

Aqui é o ponto chave. O pensamento judaico antigo encontrou várias maneiras sofisticadas para dizer que o Deus único estava ativo no mundo sem deixar de ser transcendente sobre o mundo. Eles falavam da Sabedoria de Deus quase como de um ser separado, com tarefas a realizar em obediência ao criador. Eles falavam da Lei de Deus, a Torah, como algo de poder e beleza divinos, para dar forma à vida nacional de Israel. Eles falavam da glória de Deus fazendo seu lar, estendendo sua tenda, no Templo em Jerusalém. Eles falavam do Espírito de Deus atuando nos profetas. Eles algumas vezes falavam, desafiadoramente, do Rei, o vice-regente de Deus em Israel, como filho adotado por Deus. E eles falavam, vez após vez, da Palavra de Deus: a palavra criadora no princípio, a palavra falada para e pelos profetas, a palavra que ainda viria e que faria o mundo tremer. Sabedoria, Torah, Glória, Espírito e Palavra: todas maneiras de se referir à estranha presença e atividade de Deus em Israel e no mundo. Esta maneira de ver Deus e o mundo em relação mútua é muito diferente das duas primeiras.

Agora virem a página de seus folhetos de culto e olhem novamente para nossa leitura do Evangelho. “No princípio”: João está deliberadamente escrevendo um novo Gênesis, uma nova Torah. A passagem ecoa vários poemas judaicos escritos sobre a Sabedoria como agente de Deus na criação, vindo viver no Templo de Jerusalém. A tradição profética é representado por João, o Batista. E, é claro, o tema principal é a Palavra: o sopro musical e quente de Deus se tornando em um ser humano que vive, que respira, que fala. E então as outras categorias judaicas assumem seus lugares. A Glória de Deus, ao invés de habitar no Templo, agora habita no encarnado. E, diz João, ao olharmos para aquela glória, nós sabíamos que estávamos olhando o Filho único do Pai, o rei de Israel mas em um sentido muito novo: não apenas o vice-

regente de Deus na terra, mas, por assim dizer, o próprio segundo ser (*self*) de Deus. As maneiras judaicas de falar sobre a relação de Deus com o mundo correram juntas e se tornaram realidade em Jesus.

Se isto não tira o nosso fôlego, nós não estamos nos concentrando. É para evitar este perigo que eu apresentei as coisas da forma como o fiz. Em Durham, dentre todos os lugares, a Igreja da Inglaterra deveria estar capacitada a olhar nossa cultura na cara, enfrentá-la de igual para igual, e mostrar onde ela está tentando colocar mais verdade do que cabe em uma visão de mundo inadequada. A razão pela qual o Cristianismo parece inacreditável a muitas pessoas hoje não é porque tenha sido provado errado mas porque, como se poderia dizer a uma pessoa tentando tocar uma fuga de Bach em um apito de lata, é preciso um instrumento maior. Ou, para mudar de figura, é o problema enfrentado por aqueles que fazem mapas ao lidar com a curvatura da terra: enquanto você não desistir e construir um globo, a realidade nunca caberá em uma superfície plana. As pessoas algumas vezes acusam os cristãos de acreditarem que o mundo é plano. Em termos de visão de mundo, é exatamente o oposto.

Há mais uma maneira pela qual um profeta fala de Deus ativo no mundo. A seção central de Isaías fala várias vezes do “braço” de Deus. “YHWH virá com poder, e seu braço governará”; “Desperte, desperte, oh braço de YHWH, desperte e derrote os inimigos e liberte Israel”; “Quem acreditou em nossa pregação e a quem foi revelado o braço de YHWH?” e, na primeira leitura de hoje, “YHWH desnudou seu santo braço diante dos olhos das nações e todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus”. É uma imagem de supremo poder. Dizer que “YHWH tinha desnudado seu santo braço” significa que YHWH está arregaçando as mangas para lidar com o trabalho real. E, ainda, este poder é mantido em tensão com outro tema que percorre as mesmas passagens, o tema do servo de YHWH, sofredor e mártir. Em última instância, as duas figuras se encontram: em Isaías 53 e no retrato de Jesus em João .

João não fala sobre o “braço” do Senhor. Mas a frase vívida olha através dos séculos até sua afirmação climática: a Palavra se tornou carne e montou sua tenda entre nós. E embora a imagem do braço do Senhor se desnudando tenha começado como uma imagem de poder, eu percebo nos paradoxos proféticos uma pequena, brilhante janela sobre a manjedoura em Belém. Nós vemos antes os pastores ajoelhados, e o que nós vemos primeiro, talvez, seja um pequeno braço nu, estendido ao acaso da manjedoura ou, talvez, em direção à sua mãe. O Senhor desnudou seu santo braço. O gado faz um som profundo, o bebê desperta: Desperte, desperte, oh Braço do Senhor! Pequeno Senhor Jesus, nenhum choro ele faz? Não é possível! Aquele que chorou na tumba de seu amigo de fato chorou como uma criança? E não clamará o Braço do Senhor por justiça para varrer a terra como um dilúvio? Muitas de nossas canções natalinas alimentam uma espiritualidade conformista e sentimental: “manso ele deixa sua glória de lado”? Não acredite nisto, nós vimos sua glória, diz João, glória como do único filho do Pai, cheio de graça e de verdade, em Caná, em Jerusalém, diante de Pilatos, e finalmente quando seus dois braços foram abertos nus na cruz. YHWH desnudou seus santos braços à vista de todas as nações e com Hebraico, Grego e Latim escritos sobre sua cabeça, todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus. Tudo isto deve vir, e tudo ainda dentro, do quadro de

referência da terceira maneira de olhar como Deus e o mundo se relacionam um com o outro. A Palavra se fez carne e montou sua tenda entre nós. Bem vindo à teologia do Natal.

Espero, na verdade, que você veja que isto não é apenas teoria. Não é apenas sobre ajustar a metafísica. É sobre o conforto da devoção e a paixão pela justiça e sobre a maneira pela qual as duas caminham juntas. Olhe o que acontece. Mantenha Deus e o mundo separados pela distância de um braço e a devoção acaba em um respeito frio e distante, como um encarregado em relação a um senhor ausente e não amado. Mantenha Deus e o mundo separados pela distância de um braço e você pode querer consertar o mundo mas você terá de fazê-lo com sua própria força. Alternativamente, compacte Deus e o mundo juntos e você pode se sentir confortável em relação a Deus quando as coisas estão indo bem, mas você não tem onde se esconder quando elas não estão. O panteísmo não tem solução para o problema do mal. A devoção colapsa em um fator de satisfação transitório; a paixão pela justiça degenera em desejo pela segurança própria.

Mas veja o braço do Senhor estendido, nu e sem ajuda, na manjedoura; escute a palavra que se tornou carne, contemple a glória encarnada, encha sua mente com a sabedoria em pessoa – e subitamente a linguagem da adoração faz muito sentido. “Alegremente te abraçamos com temor e amor”. E nosso desejo inato de ver o mundo em ordem acende novamente em paixão quando percebemos que

este pequeno bebê, de poucos dias de idade,
veio para assaltar o rebanho de Satanás;
o inferno todo estremece ante sua presença
embora ele mesmo trema de frio.
Porque por este fraco, sábio desarmado,
os portões do inferno serão surpreendidos

Ele estende seus braços nus para o mundo com amor e poder; e não devemos adorá-lo? Não devemos nos juntar a seu trabalho no mundo? Não devemos, por nossa vez, nos encontrarmos comissionados, ao recebê-lo e acreditar em seu nome, nós mesmos nos tornando filhos de Deus, comissionados com a mesma missão de paz e misericórdia e reconciliação? Não devemos saudá-lo neste dia ao encontrá-lo, e à bênção ao entendermos, neste Pão de Cristo de todos os dias? Não devemos dar-lhe glória? Não devemos vir e adorá-lo? O Senhor desnudou seu santo braço diante dos olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus.